

A BIBLIOTECA SEM PAREDES: PROMESSAS E PERCALÇOS

Prof. Sérgio Luiz Prado Bellei
Pós-Doutor em Estudos Culturais/University of Massachusetts
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: A Internet constitui, hoje, uma vasta biblioteca que, porque desprovida de um bibliotecário, abriga, lado a lado, grande quantidade de informação de pouco valor e coleções de textos e autores de importância significativa, como é o caso dos Arquivos Blake e Rossetti. O presente ensaio é uma introdução ao problema, que requer solução urgente, de como estabelecer critérios para separar o joio do trigo nesse imenso banco de dados. Se, de um lado, esses critérios ajudam a mapear uma geografia de qualidade para a Internet, de outro, revelam que essa geografia é claramente marcada, em escala global, por desequilíbrios marcantes entre áreas centrais de concentração de capital cultural e áreas periféricas de indigência de informação.

Palavras-chave: Bibliotecas digitais; Hipertexto.

Abstract: Although the Internet, today, is a vast library that can make information easily accessible to millions of people all over the world, it is also a library without a librarian in charge of organizing the material available in terms of quality and relevance. This essay is a contribution to the understanding of possible advantages and limitations of the Internet, now and in the near future, in terms the excess of information it contains and of the measures to be taken to make it a reliable source of knowledge.

Key-words: Digital Libraries; Hypertext.

I. Introdução

Rede de escala planetária e capaz de abrigar vastíssimas quantidades de informação, a Internet é, também, uma imensa biblioteca, contendo textos esparsos, páginas soltas, catálogos e coleções de livros. Sem tentar forçar muito a analogia, pode-se dizer que, como os textos escritos que têm como unidade material básica a página, também a Internet é feita de páginas (*home pages*, por exemplo). Dito isso, é preciso acrescentar logo que o modo de produção de tais páginas é radicalmente diverso do modo de produção do texto escrito: nas primeiras, a tecnologia digital e os computadores substituem o prelo, o papel e a tinta. Daí as diferenças significativas entre os textos de

papel e os textos digitais, particularmente em termos de procura e localização de elementos, conexão, facilidade de acesso e facilidade de produção e reprodução. Um dos maiores problemas dessa imensa biblioteca é, justamente, a vastidão do seu acervo. Até mesmo um rápido “navegar” na Internet, à procura de um item qualquer, revela ao navegante que ele se encontra em um vasto oceano de informação, e que pode tanto encontrar caminhos como perder-se ou naufragar. A informação é excessiva, grande parte dela de utilidade duvidosa, e as opiniões sobre o seu valor como fonte de informação variam desde aqueles que definem a Internet como um vasto depósito de lixo, passando por aqueles que acreditam que procurar informação na rede é como tentar beber água utilizando uma mangueira para apagar incêndios, até os que afirmam que ela pode ser um valioso recurso informativo. Há um pouco de verdade em cada uma dessas perspectivas, mas a que mais interessa examinar aqui é a terceira. Importa, portanto, indagar a respeito da real utilidade das bibliotecas digitais, das limitações e vantagens do seu acervo no momento presente, e das perspectivas para o futuro, particularmente quando se leva em conta o excesso de informação, um excesso que precisa ser mais claramente definido.

No excesso de informação existente na rede há, evidentemente, inclusões e exclusões. Inclusão, por exemplo, de informações que podem apenas ser encontradas em forma digital, como é o caso do importante periódico *Postmodern Culture*, e inclusão de textos que existem tanto em forma impressa como em forma digital, como é o caso da obra completa de Shakespeare ou da *Divina comédia*, de Dante. Mas as exclusões também são significativas, como é o caso de todas as obras mais recentes, protegidas por leis de copyright. O aparato legal que protege os direitos autorais é particularmente importante para o entendimento do significado atual da Internet como biblioteca porque representa uma força cultural e econômica ligada ao meio dominante anterior, ou seja, ao livro, agora ameaçado pela presença avassaladora do meio digital, que é capaz de instrumentalizar uma disseminação de textos fora de controle. Essa força conservadora ligada aos interesses comerciais do livro impresso atuou e atua, com força e rapidez, diante do aparecimento da nova tecnologia, ampliando, em muitos casos, o tempo legal previsto para que uma obra caia em domínio público. Em muitos casos, esse tempo foi ampliado em décadas, ultrapassando a casa dos setenta anos (em contraste com as

legislações anteriores, que previam trinta ou quarenta anos). O resultado é que, no caso da literatura, por exemplo, a maior parte dos textos do Modernismo, publicados a partir da década de vinte, não pode ser encontrada na Internet, a não ser como textos pirateados. Esse imenso vazio existente na rede, como resultado do aparato legal ligado aos interesses do meio anterior, garante, e deve garantir por muito tempo ainda, a permanência e a vigência da instituição do livro escrito e dos seus desdobramentos econômicos e culturais, como livrarias e bibliotecas. É por esse motivo que, apesar do excesso de informação existente na rede, continua a ser necessário, para o leitor interessado, freqüentar bibliotecas e livrarias, ainda que sejam de pequeno porte. Qualquer livraria, ainda que pequena e provinciana, abrigará textos para venda que não podem, por lei, estar na Internet.

Esse vazio não é, contudo, um problema sem solução porque o novo meio digital negocia com o anterior e com os seus aparatos legais formas de conciliação. O meio digital acomoda-se aos dispositivos legais anteriores, por exemplo, ao incorporar, sempre que possível, as leis de direito autoral vigentes. É o que ocorre no caso de muitos periódicos acadêmicos colocados *on-line* em universidades, e disponíveis, por senha, apenas para os alunos e professores da instituição, ou disponíveis a leitores mediante o pagamento de uma assinatura. Iniciativas como o projeto “Muse” disponibilizam, para universidades, instituições e leitores individuais, mediante pagamento, dezenas de periódicos na área de humanidades. E a consulta a tais periódicos, preparados com recursos digitais e linguagens de “*markup*”, torna-se mais fácil, ágil e flexível em virtude do potencial do meio eletrônico: os textos ou assuntos podem ser localizados com facilidade, graças aos mecanismos de procura, a partir do computador do usuário, em qualquer horário de sua escolha. E podem, ainda, ser impressos em papel ou arquivados digitalmente se o usuário assim o desejar.

Com os textos que podem existir na Internet, portanto, é possível construir bibliotecas de excelência, por vezes melhores, em quantidade e qualidade, do que as bibliotecas com paredes, e ocasionalmente contendo recursos que só podem ser obtidos *on-line*. Mas, para que isso ocorra, torna-se necessária a utilização otimizada do potencial digital, já que é essa utilização que define o que há de melhor e o que há de pior em termos de bibliotecas

digitais. Na prática e de forma simplificada, esse potencial gerador de qualidade pode ser pensado em termos da capacidade de armazenamento de dados e de conectividade máxima tornados possíveis pela tecnologia digital, e em termos do rigor na escolha dos textos a serem disponibilizados. Uma biblioteca digital, em resumo, revela sua qualidade no cuidado da escolha a partir de uma vasta quantidade de textos e na habilidade em transformar tais textos em *hipertextos*. Semelhante, em certos aspectos, àquela forma de textualidade conhecida por teóricos da literatura como o “intertexto” (uma forma de textualidade sem autonomia, já que existe apenas como um nódulo em uma rede textual, e está desde sempre contaminada por um número muito grande de outros textos culturais) o hipertexto deve, contudo, ser marcado por uma diferença fundamental em relação a outras formas de textualidade do passado. É que, como percebeu o criador do termo, Ted Nelson, essa forma de textualidade deve ser pensada como intimamente ligada à máquina capaz de produzi-la em sua forma mais completa, ou seja, ao computador, e isso, via de regra, através das linguagens conhecidas como “HTML” (“hypertext markup languages”). O hipertexto, como explicava Nelson em meados da década de 1970, constitui “uma forma de escrita não seqüencial – um texto que se espalha em ramificações e permite ao leitor escolher caminhos, [e deve ser] preferencialmente lido em uma tela interativa” (NELSON, 1992, p. 2).

II. Bibliotecas digitais: quantidade e qualidade

O leitor exigente que abre um livro para ler encontra, nas primeiras páginas, informações valiosas: a editora, o responsável pela preparação do volume ou, no caso de uma antologia, pela seleção dos textos, e o ano de publicação. São indicações importantes sobre a qualidade do volume, sobre a sua procedência e sobre o rigor na preparação do texto. E se a consulta ao livro é feita em uma biblioteca com paredes, o leitor pode, ainda, receber ajuda de um bibliotecário, tanto sobre o texto para consulta, como sobre outras referências. É outro o caso do leitor que abre uma página na Internet à procura de um texto para leitura ou de informações relevantes: o texto pode, simplesmente, ser citado em parte ou na íntegra, sem indicação de datas, ou de quem o preparou para o meio digital, ou das fontes, confiáveis ou não, que foram utilizadas para

a digitação. E, evidentemente, o navegador na rede só pode contar consigo mesmo: a Internet é uma biblioteca sem a presença do bibliotecário de carne e osso. E os bibliotecários eletrônicos, que se apresentam na forma de *softwares* de localização, nem sempre são suficientes, e nem sempre conseguem dar conta do excesso de informação: uma pesquisa a partir da palavra “Shakespeare”, em um *software* como o “Google”, terá como resultado milhares de referências a páginas da rede, a maior parte delas sem muita relevância para quem esteja procurando informação precisa sobre o bardo inglês. A biblioteca sem paredes precisa, urgentemente, de guias e classificações capazes de ir além das recomendações genéricas que sugerem, por exemplo, que uma página organizada por uma universidade (normalmente marcada pela abreviação “edu”) tem melhor qualidade que a maior parte de páginas comerciais preparadas por editoras interessadas no mercado de livros.

Em número limitado, e cobrindo áreas específicas, esses guias começam a aparecer. Na área de Teoria Literária, por exemplo, um ambicioso guia de assuntos a serem consultados é a página organizada por Alan Liu, sob o título de *The Voice of the Shuttle* (<http://vos.ucsb.edu>). O internauta interessado poderá encontrar, na página, indicações de acesso (“*links*”) a qualquer dos escritores ou teóricos representativos de todos os períodos literários. O critério básico, aqui, é incluir o máximo possível de informação, de forma que o interessado possa usar a listagem de *links* com a garantia de que terá acesso a textos teóricos de Aristóteles a Zizek, ou a escritores de Aristófanes a Émile Zola. Mas a preocupação é, aqui, mais apontar para a página a ser consultada do que descrever ou avaliar a informação a ser encontrada. É, por assim dizer, a quantidade de informação que conta, muito embora exista a preocupação de incluir *links* com uma certa qualidade básica. Uma página como *Argus* (www.clearinghouse.net), por outro lado, revela a clara preocupação de enfatizar a qualidade dos *links* apresentados, e não a quantidade de informação. Na categoria de literatura, por exemplo, *Argus* encaminha o cibernauta para cerca de quinze *links* apenas, e inclui avaliações das páginas preparadas. O *link* indicado para Shakespeare, considerado um dos melhores da Internet, contém a informação apresentada na Figura 1. A ênfase é, claramente, na qualidade e não na quantidade, e manifesta-se na insistência de indicadores que tentam avaliar não apenas a excelência maior ou menor do texto apresentado na rede, mas também a arquitetura de

montagem da página da Internet e os seus recursos para a apresentação e organização do material. A indicação do responsável pela compilação da informação vem acompanhada de um e-mail, que pode ser utilizado para contatos ou maiores informações, e o acervo como um todo foi avaliado por um observador externo (*Argus Clearinghouse*) de forma genérica, atribuindo aos conteúdos o grau máximo equivalente a cinco estrelas (*****), e avaliações mais específicas, que variam de quatro a cinco para aspectos específicos do acervo, como a apresentação dos recursos existentes, os guias de procura de informação e meta-informação, e esquemas organizacionais. A data em que a última avaliação

Guide Information

<http://daphne.palomar.edu/shakespeare/>

Keywords

[Shakespeare, theater](#)

Compiled by
Terry A. Gray (tgray@palomar.edu)
Academic Technology Supervisor
Palomar College

Rating
Overall: 
Resource Description: 4
Resource Evaluation: 5
Guide Design: 5
Organization Schemes: 4
Guide Meta-information: 5
(Rated 09/1999)

Last Checked by Argus Clearinghouse
May 22, 2000

Figura 1

foi feita sugere que o observador externo avalia acervos periodicamente, com o objetivo de constatar variações de qualidade.

A ênfase, respectivamente, na quantidade e na qualidade, apresentada nos dois guias citados (*Argus* e *Voice of the Shuttle*) aponta para as inevitáveis limitações existentes em orientações gerais de leitura que não podem, evidentemente, contentar a todos os usuários. Como no caso do leitor do livro escrito, o leitor de bibliotecas digitais terá,

inevitavelmente, necessidades específicas, que ultrapassam as previsões genéricas de atendimentos dos guias de uso geral, que trabalham com variáveis como quantidade, qualidade, ou mesmo uma combinação dos dois valores. Isso significa que cada internauta necessita, em certa medida, definir um guia particular de procura capaz de complementar os guias de uso geral, e isso em termos de um sistema de valores gerais que a biblioteca digital tem ou deveria ter. Somente o conhecimento desse repertório geral de valores tornará possível, ao leitor, definir o que é possível procurar na rede. No caso do livro impresso, esses valores já são conhecidos e consagrados pelo bom leitor capaz de distinguir, por exemplo, melhores ou piores edições de um texto específico. No caso dos acervos digitais, esses valores, que dependem também do potencial de recursos novos que o novo meio pode oferecer (a conectividade máxima, por exemplo, é um valor típico da tecnologia digital, e menos presente na tecnologia do livro impresso) estão ainda sendo definidos.

Vale a pena registrar, de passagem, que a tradição textual de bibliotecas impressas sempre contemplou essas necessidades específicas. Em texto publicado em 1664, Gabriel Naudé entrega-se à tarefa de ensinar aos interessados em constituir uma boa biblioteca alguns princípios básicos sobre “a escolha de livros, os meios de obtê-los, e a forma de organizá-los” (NAUDÉ, 1903, p. 33). No caso da escolha, o princípio básico consistia em obter tantas cópias quanto possível de livros, bons ou ruins, uma vez que “nada torna uma biblioteca tão recomendável como a possibilidade de oferecer a cada um de seus leitores o que ele procura, e não pode encontrar em outro lugar” (NAUDÉ, 1903, p. 33). Leibniz, por outro lado, imaginava a boa biblioteca em termos de um acervo contendo “informação sobre todos os assuntos importantes” (teologia, medicina, jurisprudência, matemática, literatura...) e rigorosamente seletivo: “é a seleção, e não o tamanho”, o fator determinante na constituição da biblioteca, e vale mais a biblioteca formada para uso pessoal, pequena e organizada com critério” do que “uma grande quantidade de livros, acumulados por um representante da nobreza ou por uma comunidade, que existe apenas para exibição e não abriga livros realmente úteis” (citado por NEWMAN, 1966, p. 18). Também Lutero, que pode desencadear a revolução protestante graças, principalmente, à invenção da imprensa, era favorável a uma biblioteca seletiva, mas não nos moldes do humanismo de Leibniz:

Meu conselho é no sentido de que não se acumule indiscriminadamente todo tipo de livros, levando em conta apenas o número e o tamanho da coleção. É preciso levar a cabo uma seleção criteriosa, já que não há necessidade de coletar todos os comentários dos juristas, todas as sentenças dos teólogos, todas as *quaestiones* dos filósofos, e todos os sermões dos monges. Na verdade, eu jogaria fora todo esse lixo e teria, em minha biblioteca, apenas o tipo correto de livros, consultando os entendidos a respeito de minhas escolhas (373).

Muito embora a necessidade específica de certas audiências e leitores não possa ser definida com total precisão, é possível pensar um repertório geral de valores que deveriam estar presentes nos acervos digitais. Estes diriam respeito, principalmente, à questão de quantidade e qualidade do acervo (já exemplificados na discussão de *Argus Clearinghouse* e de *The Voice of the Shuttle*), da explicitação das fontes citadas e das condições de produção, do potencial de conectividade viabilizado pelas linguagens "markup", e da qualidade de produção da página de consulta.

A explicitação das fontes e das condições de produção são requisitos sempre desejáveis em qualquer biblioteca, e a sua ausência é, hoje, um dos principais problemas dos acervos digitais na Internet, caracterizados por um certo descentramento e pela quebra de hierarquias tradicionais. Rede aberta de comunicação planejada para admitir a intervenção do usuário e a interatividade, a Internet atenua e, em alguns casos, dissolve, de forma significativa, a distinção tradicional entre produtor e consumidor, ou entre autor e leitor. A rede não é uma via de mão única. É, antes, aberta para a participação do usuário que, em graus diversos e dependendo de habilidades específicas, pode interferir em sua estrutura (injetando um vírus, por exemplo) ou, o que é mais relevante, para o presente contexto, acrescentando, ao banco de dados existente, informações que se tornam, instantaneamente, disponíveis em qualquer parte do planeta em que exista um computador ligado a uma linha telefônica. Qualquer usuário com conhecimentos mínimos de manuseio de computadores, por exemplo, pode preparar uma página para ser disponibilizada na Internet. Em outras palavras, pessoas que, no contexto do meio de mão única da produção impressa, podiam apenas constituir-se como leitores, podem transformar-se, hoje, em autores. Em um meio em que, por assim dizer, qualquer um pode tornar-se um autor, o que ocorre é não apenas o questionamento da distinção

tradicional entre autor e leitor, mas, o que é mais importante, o aparecimento de uma imensa proliferação de textos sem o tradicional controle de qualidade. Este só era possível, no passado, porque os autores eram poucos e podiam, portanto, ser controlados por mecanismos institucionais (o complexo editorial, por exemplo, que determinava e, no caso do livro impresso, continua a determinar quem pode e quem não pode ter a autoridade do autor). Em um contexto de intervenção efetiva e de fácil interação, como é o caso da rede, qualquer aluno de graduação pode disponibilizar (e, de fato, disponibiliza) suas reflexões sobre, digamos, Shakespeare. O resultado é a inevitável proliferação de textos sem garantia de qualidade, o que torna necessário, na constituição das boas bibliotecas digitais, a indicação precisa das fontes e das condições de produção, ou seja, a indicação de quem preparou um determinado texto, utilizando que tipos de recursos institucionais ou pessoais. No caso da biblioteca digital de Shakespeare, citado acima, essa informação sobre fontes é completa e exemplar: o autor da página é um profissional respeitável da área, e divulga informações a partir de uma instituição universitária de excelência. Mas vale a pena ressaltar que se trata de caso excepcional: o que o leitor de textos digitais normalmente encontra na Internet é uma vasta e generalizada orfandade textual que ignora completamente a importância, para o leitor exigente, de questões de origem e filiação.

A otimização do potencial de conectividade nas páginas da rede é, também, um requisito indispensável para as bibliotecas digitais. Mais uma vez, aqui, essa otimização está intimamente ligada à natureza da textualidade digital: a tecnologia descentralizante da rede espalha, por toda parte, uma multiplicidade de centros que tenderiam para o caótico a menos que, como realmente ocorre, a própria tecnologia tomasse para si a tarefa de estabelecer, entre esses centros disseminados, conexões imediatas. Na prática, e para o usuário comum, o estabelecimento de tais conexões se dá com o clicar do *mouse* que, entre outras funções, possibilita o salto instantâneo do cursor de um local para outro, quer esse salto ocorra em uma dimensão textual (de uma palavra para outra, por exemplo), quer em uma dimensão que poderia, talvez, ser chamada de planetária, quando o clicar do *mouse* permite o transporte, digamos, de uma página da Internet de um local qualquer da Amazônia para uma outra página no Japão. O segredo dessa flexibilidade máxima de conexões está nas linguagens conhecidas como "HTML"

("hypertext markup languages"), que podem ser pensadas como operando em dois níveis distintos: o do texto em si, e o da Internet como um todo. No nível textual, a linguagem *markup* transforma o texto simples e com recursos mínimos de apresentação gráfica, conhecido como ASCII (que não dispõe, por exemplo, da possibilidade de produzir seqüências em itálico ou negrito), em um texto com mais recursos, mais atraente, mais informativo e, finalmente, capaz de produzir conexões imediatas entre duas ou mais unidades textuais quaisquer. Escrito na linguagem HTML, a seqüência “as linguagens `<i>markup</i>` tornam o texto mais atraente” apareceria na tela do computador como “as linguagens *markup* tornam o texto mais atraente”. Em outras palavras, a indicação `<i>` antes e depois de *markup* “marca” a palavra para que ela seja apresentada em itálico. Outras marcações produziriam efeitos diversos: uma alteração na cor, por exemplo, que poderia indicar ao usuário que o vocábulo, ativado pelo *mouse*, poderia remeter a uma explicação detalhada do significado do termo “*markup*” apresentada no interior de uma nova janela. No nível do texto, portanto, as linguagens *markup* permitem acrescentar, a um texto qualquer, novos recursos gráficos e explicações contextuais em número praticamente ilimitado, e passíveis de serem acessadas imediatamente. Nesse contexto, o uso de tais linguagens acaba por determinar, de forma significativa, a qualidade melhor ou pior de um texto eletrônico. Em textos impressos, o recurso que poderia ser comparado ao uso eletrônico de tais linguagens era o índice, e particularmente o índice remissivo, que permitia a um leitor localizar, mais rapidamente, informações específicas em um texto sem voltar a folheá-lo página por página. A qualidade de um livro impresso, nesse sentido, depende muito da qualidade do seu índice remissivo. No meio eletrônico, de forma análoga, pode-se dizer que a qualidade de um texto digital depende, em grande parte, da qualidade do uso das linguagens de *markup*. E, em conseqüência, uma biblioteca digital será tanto melhor quanto melhor forem os recursos de *markup* utilizados na preparação de seus textos. Na biblioteca conhecida como “The Blake Archives” (www.blakearchive.org), esses recursos foram otimizados de forma exemplar, até porque a biblioteca, patrocinada em sua construção por instituições poderosas, em termos de recursos tanto acadêmicos quanto financeiros, foi projetada para tornar-se um modelo de excelência no contexto dos acervos digitais em literatura. Em sua versão digital, a obra de Blake, que pode ser pensada como precursora das obras de multimídia da atualidade, já que foi projetada

para ser lida tanto em sua forma escrita (os poemas) como visual (as gravuras, ou iluminuras), coloca à disposição do leitor uma vasta malha de conexões entre unidades de significação. A obra digital de Blake, em outras palavras, organiza-se primariamente como hipertexto, e não como texto. Versos ou palavras em cada um dos poemas podem ser ativados pelo *mouse* para remeter o leitor, imediatamente, à gravura pensada por Blake como complementar em relação ao texto escrito. Vale a pena lembrar aqui, de passagem, que essa conectividade máxima tornada possível pela tecnologia digital permite ao leitor de textos digitais, hoje, ler a poesia de Blake de uma forma que chega mais perto das exigências originais do poeta, no contexto original de produção. Como mostra a história editorial de Blake, muito embora o poeta pensasse sua poesia como, ao mesmo tempo, textual e visual, no século XIX e em boa parte do século XX, os recursos limitados do meio impresso impediram a justaposição de textos e imagens, o que levou grande parte dos editores a produzirem apenas os *textos* dos poemas, separados das gravuras. O meio digital torna possível a restauração da conectividade originalmente pensada pelo poeta. Há, contudo, uma diferença importante que, no contexto do presente trabalho, pode apenas ser mencionada: Blake produzia seus poemas de forma artesanal, o que tornava cada poema uma produção única e marcada pela distância da aura, como pensada por Walter Benjamin. Na reprodução digital, evidentemente, essa aura desaparece sem deixar vestígios.

O potencial de conectividade das linguagens “*markup*”, contudo, opera não apenas na dimensão das conexões textuais, mas também e principalmente na dimensão da rede eletrônica como um todo, o que torna possível um certo cancelamento dos constrangimentos geográficos característicos do meio escrito. Um leitor que, no Brasil, esteja lendo um texto adequadamente adaptado ao meio digital (vale dizer, otimizado em seus recursos de *markup*) de, digamos, Shakespeare, poderá acionar uma palavra sobre a qual queira mais informação e acessar uma página explicativa disponível, digamos, em um servidor em Londres. Mais uma vez, é preciso insistir aqui: a qualidade de um texto digital qualquer, dependerá, também, da otimização de suas conexões *devidamente planejadas* em rede. Nesse contexto, a questão do planejamento das conexões deve ser levada a sério, já que o problema das conexões em rede é, justamente, o seu excesso. O editor de um texto digital a ser colocado em rede deverá

ser um profissional competente, com conhecimento suficiente da área em que o texto se insere, para ser capaz de preparar o texto de modo a selecionar, para o leitor, apenas as conexões relevantes, ou seja, aquelas aceitas consensualmente como relevantes pelas comunidades de leitores institucionalmente legitimadas. A tarefa, evidentemente, não é fácil, já que define uma margem de liberdade limitada para as decisões do editor. Mas não resta dúvida de que a edição digital será tanto melhor quanto maior for o conhecimento do editor, em determinada área do saber, a respeito do que é consensualmente aceito, do que é motivo de controvérsia, e do que é opinião pessoal.

A questão da qualidade da produção da página que abriga o texto digital, finalmente, é fator determinante para que se caracterize uma boa biblioteca virtual. A indagação genérica a ser feita aqui diz respeito ao uso adequado da tecnologia digital, o que pode implicar em custos econômicos relativamente altos. Uma determinada página pode abrigar um texto de boa qualidade, mas apresentar problemas de leitura para o usuário, se houver uma incompatibilidade entre, digamos, o tamanho da fonte utilizada no texto e os recursos de leitura do browser utilizado. Nesse caso, uma determinada página pode tornar difícil a visualização e a compreensão do texto. Por outro lado, uma página pode, por assim dizer, pecar por um certo "excesso" de qualidade se utilizar *software* sofisticado demais para as possibilidades do leitor comum, que pode não ter recursos suficientes em seu computador para operar com *softwares* de última geração. A solução, nesses casos, é tentar o equilíbrio possível, utilizando o melhor *software* possível em termos dos recursos do maior número de usuários, ou, ainda, utilizar *softwares* que ofereçam opções para usuários que tenham recursos mais sofisticados (que terão acesso a um texto de melhor qualidade) e usuários que dispõem de menos recursos (que terão acesso ao mesmo texto, mas com recursos limitados de utilização).

A produção de uma página de qualidade deve, ainda, estar atenta a outras questões. Os "links", por exemplo, funcionam adequadamente e são submetidos a atualizações periódicas? A informação colocada em rede é, via de regra, mais instável e transitória quando comparada à informação impressa. Isso significa, na prática, que páginas colocadas em rede para serem acessadas por links (e que devem ser cuidadosamente selecionadas em termos de qualidade), a partir da página de origem, podem desaparecer

de um dia para o outro, e o usuário que tentar acessar tais páginas receberá uma mensagem de erro, a menos que a atualização da página de origem tenha corrigido o problema através de um sistema de manutenção periódica. Esta será tanto melhor quanto mais freqüentes forem as correções, o que pode significar um custo mais elevado para o produtor da página. A facilidade maior ou menor de navegação arquitetada para a página também merece cuidados, de forma a oferecer ao usuário a informação considerada consensualmente relevante, evitando o excesso de conexões indiscriminadas. Esse excesso é sempre uma tentação para quem planeja uma página, já que a rede, por definição, tende mais à abundância do que à indigência informativa. E há, finalmente, a questão da transferência da informação para o usuário, que exige cuidados com referência, por exemplo, às facilidades de impressão do texto e de “*downloading*”.

Infelizmente, e apesar do excesso e da extravagância do material existente hoje em rede, não são muitas as bibliotecas que atendem de forma exemplar a esses requisitos básicos de excelência (quantidade e qualidade do acervo, explicitação das fontes citadas e das condições de produção, potencial de conectividade viabilizado pelas linguagens “*markup*”, e qualidade de produção da página de consulta). O motivo principal da indigência de qualidade é a vulnerabilidade da rede à proliferação incontrolada de textos, que podem ser produzidos com relativa facilidade por qualquer usuário. Como se disse, anteriormente, não é muito difícil para o usuário comum criar uma página contendo textos, bibliografias e *links* de seu autor favorito. O problema é que tal usuário não teria, por exemplo, os recursos materiais e humanos de uma instituição acadêmica de excelência e bem provida em termos econômicos. Esta, sim, seria capaz de colocar em rede bibliotecas sofisticadas. Na prática, isso quer dizer que as boas bibliotecas digitais existem em número relativamente pequeno, e obedecem, como não poderia deixar de acontecer, às regras de concentração de poder geopolítico, econômico e cultural. Nesse contexto, falar de bibliotecas de excelência, hoje, significa falar de uma certa concentração de acervos, principalmente, em línguas que concentram poder hegemônico, como o inglês, e em áreas de concentração de capital econômico ou simbólico. É o caso, por exemplo, dos Arquivos Blake e dos Arquivos Rossetti.

III. Bibliotecas digitais: questões de poder e divisão planetária do trabalho intelectual

O arquivo Blake pode ser acessado gratuitamente em www.Iath.virginia.edu/blake/public/. Nele o leitor pode encontrar instrumentos de busca de textos e gravuras, a *Edição completa da poesia e da prosa de Blake*, preparada por David Erdman, bibliografias genéricas e específicas, e informações sobre outros endereços eletrônicos relacionados a Blake. Pode ainda obter informações sobre como contatar indivíduos, bibliotecas e museus que contribuem para o acervo virtual constante no arquivo e, se desejar, inscrever-se gratuitamente em lista de participantes interessados em receber, por e-mail, as informações novas que são permanentemente incorporadas ao arquivo em seu processo de construção e atualização. Em certos casos, o arquivo apresenta vantagens em relação aos textos impressos de Blake. Não existe, por exemplo, até o momento, uma edição crítica satisfatória do poeta porque muitos de seus textos são, na realidade, hipertextos operando simultaneamente em dois meios diversos, o escrito e o visual. Essa natureza hipertextual torna difícil ou impossível a produção de uma edição crítica impressa completa do poeta inglês, já que a edição crítica ideal seria, na realidade, um *arquivo* capaz de tornar possível a justaposição de textos e imagens. É essa justaposição, precisamente, que é tornada disponível ao leitor dos Arquivos Blake, graças ao uso da sofisticada tecnologia digital utilizada na construção do acervo.

Blake, evidentemente, é um caso excepcional, e sua poesia é idiossincrática: a maior parte dos poetas trabalha basicamente com o texto escrito. Já o caso de Rossetti é um caso menos excepcional, muito embora seja o poeta vitoriano também um pintor que costumava transformar alguns de seus poemas em quadros. O Arquivo Rossetti difere de uma edição impressa comum já na forma pela qual organiza os textos primários. Acessando os poemas de Rossetti no arquivo (disponível em <http://jefferson.village.virginia.edu/rossetti/poems/>), o leitor encontrará a listagem de quatro variantes impressas (o texto “*germ*”, de 1850; o texto publicado em *The Oxford and Cambridge Magazine*, de 1856; o texto “*crayon*”, de 1858; e o texto “*new path*”, de 1863). Nenhuma dessas versões precisa necessariamente ser vista como um texto central escolhido para leitura, como ocorreria normalmente em uma edição crítica impressa. Cabe ao leitor escolher qual versão, ou quais versões, ler e

examinar. Ao escolher uma delas para exame, o leitor poderá ainda interrompê-la, a qualquer momento, para consultar um vasto número de comentários disponíveis de forma não hierarquizada (história textual, história das edições, informações históricas ou literárias, pictografia, informações autobiográficas e bibliográficas). Trata-se, evidentemente, de uma leitura que tende a ser mais dispersa do que aquela apresentada pelo livro impresso, marcada sempre por escolhas predeterminadas e pela seqüência linear que vai de um texto escolhido para comentários apresentados em ordem de importância. O hipertexto, como diz o organizador do arquivo Rossetti, Jerome McGann, “é estruturado para dispersar a atenção tão extensivamente quanto possível”, o que não significa, evidentemente, a instauração da leitura caótica:

É claro que (...) qualquer hipertexto, em qualquer de seus momentos de leitura no tempo, terá uma certa ordem e uma organização estrutural determinada, ainda que estas possam ser mais ou menos descentralizadas. Mas o hipertexto, ao contrário do livro, estimula uma descentralização estrutural. Torna disponíveis os meios para que se estabeleça um número indefinido de “centros”, e para que o seu número se expanda e se alterem suas relações. O leitor é estimulado, não tanto a encontrar, mas a construir uma certa ordem, e a reconstituí-la constantemente, na medida em que ordens estabelecidas revelem-se insuficientes (McGANN, 1998, p. 13).

Tendo selecionado para leitura, digamos, o poema “The Blessed Damosel”, da edição de *The Oxford and Cambridge Magazine*, o leitor pode tanto fixar-se nesse centro, como deslocar-se para textos alternativos, ou para os comentários históricos que detalham a contínua alteração do poema no período de 1850 a 1870, ou, ainda, para a versão pictográfica do poema preparada por Rossetti, no final da década de setenta. A pintura, por sua vez, pode tornar-se um centro de atenção, e merecer estudo próprio, a partir do qual se poderá posteriormente retornar ao poema. O exame da pintura em si poderá ser dirigido tanto para informações contextuais como para os recursos visuais disponíveis. No primeiro caso, o leitor encontrará comentários iconográficos, literários, mitológicos, históricos, autobiográficos e bibliográficos sobre a pintura, bem como informações sobre mulheres que serviram como modelos para o trabalho de Rossetti. Mas é, provavelmente, nos recursos computadorizados para o exame da imagem que o leitor perceberá mais claramente o potencial do meio eletrônico. Como o arquivo foi desenvolvido com o apoio do IATH (Institute for Advanced Research in the Humanities), McGann conseguiu desenvolver *software* específico para a manipulação de imagens. Em certos casos, seja

com a utilização de *software* disponível no mercado, seja com o auxílio de *software* produzido especificamente para o arquivo, torna-se possível uma apreciação de aspectos formais da pintura que seriam de difícil percepção no quadro original. A transformação computadorizada do quadro em cores para branco e preto, por exemplo, torna claramente perceptível o conflito, característico de Rossetti enquanto pintor, entre as convenções formais do ilusionismo pictográfico e do abstracionismo modernista (McGANN, 1997, p. 9-13).

Não é preciso dizer que a indigência de recursos econômicos em áreas periféricas tornaria muito difícil, ou mesmo impossível, a realização de projetos semelhantes aos arquivos Blake e Rossetti. As bibliotecas virtuais, não escapando à lógica de produção, acúmulo e fluxo de capital simbólico, acabam por revelar que o sonho de uma democracia do conhecimento em que tudo, ou muito, torna-se acessível a muitos, ou a todos, é fundamentalmente um sonho utópico alimentado por um mecanismo ideológico que permite ignorar a presença de uma realidade material dominada por forças hegemônicas. É essa a realidade que vai, consistentemente, produzindo ou reproduzindo um acúmulo de capital cultural relevante (e a sua contrapartida, ou seja, “capital” irrelevante) e uma divisão de trabalho, geopoliticamente localizada, entre produtores e consumidores e, no caso específico das bibliotecas virtuais, entre leitores e escritores. Essa centralização de capital cultural, de resto, reflete a centralização econômica, da qual depende para a constituição de uma infra-estrutura material (computadores, redes telefônicas, cabos de fibra ótica, *software* sofisticado e de alto custo). O custo dessa base material indispensável para o acúmulo e a operacionalidade eficientes da informação e do conhecimento é alto, e o resultado não poderia deixar de ser a formação de geografias de exclusão no que se convencionou chamar de ciberespaço, um espaço sem lugar que muitos, ingenuamente, acreditam tratar-se de uma dimensão de liberdade e democracia. Como percebeu Mark Poster, “a geografia política do ciberespaço reflete com precisão os padrões dominantes de distribuição global de recursos” (POSTER, 1997, p. 41). Um mapeamento estatístico de usuários da Internet, feito em 2000, aponta claramente para essa perversidade geopolítica: aproximadamente 50% dos usuários do planeta estão situados nos Estados Unidos e no Canadá, enquanto aproximadamente 3%

estão na América Latina e menos de 1% na África. (Fonte: Nua, http://www.nua.ie/surveys/how_many_on-line/index.html).

A questão da qualidade, portanto, está ligada a problemas de hegemonia na produção do conhecimento e da informação. É essa hegemonia que vai, aos poucos, ampliando a divisão intelectual de trabalho entre produtores e consumidores, em escala planetária. A hegemonia do inglês na rede e a concentração de capital econômico e cultural em países de língua inglesa determina, de saída, um desequilíbrio, em escala global, na produção de bibliotecas digitais de alta qualidade. Tanto os Arquivos Blake quanto os Arquivos Rossetti dependem de recursos econômicos e institucionais abundantes. Contribuem para a manutenção e expansão dos Arquivos Blake, por exemplo, os editores (Morris Eaves, Robert Essick, e Joseph Viscomi, todos situados em locais diversos, mas trabalhando em conjunto no meio eletrônico), o Institute for Advanced Technology in the Humanities da Universidade da Virgínia (que dá apoio técnico e logístico e produz *software* específico para o Arquivo), o Getty Grant Program, a Biblioteca do Congresso, a empresas Sun Microsystems e Inso Corporation, o Centro Paul Mellon para Estudos da Arte Britânica, a Universidade de Norte Carolina e colecionadores particulares. Os Arquivos têm, no momento, permissão para incluir gratuitamente centenas de imagens e textos do poeta, todos em forma avançada de hipertexto, ou seja, com sofisticados recursos de procura (“*search*”) e de levantamento estatístico e com a possibilidade de conexão imediata de cada gravura, detalhe de gravura, ou unidade de texto, com todos os outros dados relevantes do arquivo como um todo. Esses fatos não são insignificantes. Convidam a uma reflexão problematizadora, quando se fala em qualidade de bibliotecas digitais, de aspectos positivos e negativos do estreito relacionamento, aqui tornado exemplarmente visível, entre o acúmulo de capital cultural e a concentração de capital econômico. E convidam, ainda, a uma reflexão a respeito das possíveis conseqüências dessa desigual geografia política do ciberespaço e de suas bibliotecas.

O planeta está hoje, claramente, dividido entre áreas afluentes em informação e conhecimento (“*information rich*”), caracterizadas por uma sólida infra-estrutura de apoio aos meios eletrônicos, e áreas indigentes de informação e conhecimento, marcadas pela

precariedade maior ou menor de infra-estrutura. Isso não significa, apenas, que nas áreas afluentes há maior número de pessoas com acesso maior ao conhecimento e, nas indigentes, menor. O problema central não é *consumo* de informação apenas, mas principalmente a *produção* de informação e conhecimento a ser consumido, ambos facilitados pela solidez infra-estrutural das redes eletrônicas. Vale dizer, a geografia política do ciberespaço estabelece claramente uma distribuição planetária de produção e consumo que reflete a distribuição desigual de capital e, no caso das bibliotecas virtuais, distribui desigualmente, no planeta, produtores de textos e conhecimentos centralmente localizados, e seus leitores deslocados nas margens. Não é por acaso que, por exemplo, a infra-estrutura para os arquivos de Rossetti e Blake está nos Estados Unidos, que o excelente periódico *Romanticism on the Net* deve ser acessado no Canadá e que, aproximadamente, mais de 70% das imagens espalhadas mundialmente na rede são produzidas em território norte-americano. A produção eletrônica de informação não gera, necessariamente, democracia de conhecimento, mas sim novas hegemonias e novas formas de imperialismo cultural. Alguns críticos chegam mesmo a dizer que “o ciberespaço é o ‘sonho americano’ expandido; inaugura o aparecimento de uma nova ‘Civilização Americana’. (...) [e é, finalmente] direcionado para o apagamento [de outras histórias] não ocidentais” (SARDAR, 1995, p. 33).

Hegemonia significa dominação, mas não exclusividade, o que quer dizer que as áreas periféricas do globo produzem também, na medida do possível, os seus textos, mas em óbvias condições de desvantagem. O que é hoje, provavelmente, a melhor biblioteca virtual brasileira, ou seja, a biblioteca do PROSSIGA, patrocinada pelo CNPq, é uma louvável tentativa de colocar em rede não apenas textos, brasileiros inclusive, mas ainda *links* com outros acervos disponíveis no ciberespaço. No entanto, os textos em português colocados em rede são, via de regra, idênticos aos textos impressos. Vale dizer, não são incorporados os recursos de conectividade característicos do hipertexto, já que tal incorporação elevaria significativamente os custos de produção textual. A biblioteca do PROSSIGA, quando comparada ao Arquivo Blake, revela-se mais como uma “biblioteca-*link*”, ou seja, uma biblioteca que estabelece contatos com outros acervos e torna acessível, mediante assinaturas institucionais, textos de periódicos no exterior (uma biblioteca que, por assim dizer, pega carona na *superhighway*, resolvendo, assim, o

problema básico do caroneiro, que é viajar com pouco dinheiro), do que uma biblioteca de acúmulo de capital simbólico.

O leitor marginal que procura textos na rede está, portanto, claramente em desvantagem. Mas é preciso acrescentar logo que tal desvantagem, inevitável como resultado da concentração de capital cultural na rede, vem sempre acompanhada de vantagens que podem ser obtidas, dependendo do uso a ser feito da rede e das novas tecnologias. O leitor marginal não é totalmente impotente porque a rede, embora utilizada maciçamente pelo capital, pode ser apropriada para outros fins, em virtude de sua natureza enquanto *diáspora digital*. Quando se atenta para essa natureza diaspórica e dispersiva da rede, torna-se possível utilizá-la, precisamente, como um antídoto à concentração do capital cultural. É importante, portanto, distinguir entre um certo uso da rede que favorece o capital, e um uso que a ele resiste.

A condição de diáspora digital da rede, ou seja, o seu potencial para tornar possível a proliferação de novos acúmulos alternativos de informação e conhecimento (cada vez, por exemplo, que se inaugura uma página dedicada a Drummond, ou que se forma uma comunidade enredada em interesses alternativos, e produzindo seus próprios textos em seu próprio idioma) pode ser utilizado como uma forma de resistência, ainda que local e limitada, à sua expansão hegemônica. É nesse exercício de produção alternativa e localizada de textos e grupos sociais que o leitor marginal pode ter a sua voz e vez. A história da rede já conta com alguns exemplos de uso alternativo de tal voz e vez: os zapatistas de Chiapas, no México, que utilizaram a rede (*e-mails, websites*) para informar o mundo exterior sobre o movimento revolucionário dos camponeses, e obtiveram apoio internacional decisivo; o grupo ecológico verde (Greenpeace) e a Anistia Internacional, que usam a rede de forma semelhante, com o objetivo de expandir a conscientização internacional sobre problemas atuais que não recebem visibilidade significativa na televisão. A luta por tal voz e vez, como se disse, não é fácil, e não há garantia de vitórias. Mas é a luta possível, contanto que o leitor da periferia tome consciência crítica da natureza e dos problemas da rede, e aprenda a utilizá-la em seu benefício, ou seja, mais para torná-lo visível do que condená-lo ao anonimato.

Referências:

LUTHER, Martin. To the Councilmen of All Cities in Germany That They Establish and Maintain Christian Schools. Translation by Albert T. W. Steinhauser. In: LUTHER'S works. American ed. Philadelphia: Muhlenberg, 1962. v. 45. p. 339-378.

McGANN, Jerome. Imagining What You Don't Know: The Theoretical Goals of the Rossetti Archive. 1997. Disponível em: <http://jefferson.village.virginia.edu/~jjm2f/chum.html>

McGANN, Jerome. The Rationale of Hypertext. 1998. Disponível em: <http://jefferson.village.virginia.edu/public/jjm2/rationale.html>

NAUDÉ, Gabriel. *Instructions Concerning Erecting of a Library, Presented to My Lord the President de Mesme*. Cambridge, Mass.: Houghton Mifflin, 1903. (Reprint of 1661 edition).

NELSON, Theodor H. Opening Hypertext: A Memoir. In: TUMAN, Myron C. (Ed.). *Literacy Online: The Promise (and Peril) of Reading and Writing with Computers*. Pittsburgh/London: The University of Pittsburgh, 1992.

NEWMAN, L. M. *Leibniz (1646-1716) and the German Library Scene*. London: Library Association, 1996.

POSTER, Mark. Cyberdemocracy: Internet and the Public Sphere. In: PORTER, M. (Ed.). *Internet Culture*. London: Routledge, 1997. p. 201-218.

SARDAR, Z. alt.civilization.faq: Cyberspace and the Darker Side of the West. *Futures*, n. 27, p. 777-794, 1995.